

Recanto da Esperança Através das Lentes

Evandro de FREITAS

Juliane de FREITAS

Larissa SARTURI

Leandro INEU

Leandro RODRIGUES

Marcos BORBA

Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS

RESUMO

O presente artigo apresenta o projeto de extensão em comunicação comunitária realizado por alunos do 5º semestre do curso de Comunicação Social: Jornalismo do Centro Universitário Franciscano (Unifra). O principal objetivo do projeto foi a realização de oficinas com o ensino de fotografia ministrado para as crianças do Lar Recanto da Esperança, localizado na cidade de Santa Maria. O trabalho foi desenvolvido a partir de conceitos e técnicas ancoradas na comunicação comunitária e no fotojornalismo. Baseia-se também na ligação entre comunicação, educação e cidadania quando os três têm o mesmo objetivo: a transformação. Desta forma, os encontros resultaram em uma exposição reunindo o conteúdo fotográfico produzido de março a junho de 2010.

Palavras-chave: Comunicação Comunitária; cidadania; fotografia; comunidade gerativa.

Introdução

Desenvolvido a partir das disciplinas de Projeto de Extensão e Comunicação Comunitária I e II, este artigo mostra os métodos, técnicas e abordagens conceituais que fundamentaram o trabalho desenvolvido na Instituição de Assistência Social Recanto da Esperança. A busca de mobilizar as crianças atendidas pela entidade passa pela transformação social e cultural do meio e dos indivíduos envolvidos. A fotografia surge como ferramenta principal para a construção de um sentimento de pertencimento à sociedade em que elas estão inseridas, sustentando assim, o foco do trabalho.

A Instituição de Assistência Social Recanto da Esperança foi fundada em 12 de outubro de 1992 por um grupo de pessoas da comunidade de Santa Maria. Atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco social como medida de proteção especial, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). É um serviço que acolhe meninos, com idades entre 4 e 14 anos, encaminhados pelo

Conselho Tutelar e Juizado da Infância e Juventude, garantindo retaguarda e cumprindo as medidas determinadas pelo Juizado. A entidade oferece 30 vagas moradia provisória pelo tempo necessário, com todas as condições para suprir as necessidades para a criança neste tipo de atendimento.

Também trabalha com o Apoio Sócio Educativo em Meio Aberto (ASEMA), criado na instituição em 2002 com a finalidade de colaborar com a formação, o desenvolvimento e a socialização das crianças com faixa etária entre 7 e 14 anos. Proporciona a ocupação do tempo livre no turno inverso da escola atendendo 9 meninos de um total de 20 vagas disponíveis.

O lar possui estrutura administrativa, cozinheira, psicólogos, assistente social e conta com a colaboração de voluntários que realizam outras atividades, entre elas, o aprendizado de informática básica, a confecção de pipas e aulas de reforço escolar.

Recanto da Esperança: A Construção do Projeto Imagens de Esperança

A partir de encontros e reuniões com a administração do lar, consolidou-se a proposta do grupo em trabalhar com a fotografia. No total, participaram das aulas 10 meninos que puderam ter a oportunidade de aprender a teoria básica e a técnica de fotografar.

Além de utilizar conceitos sobre imagem, agregaram-se ao trabalho as características da fotografia de forma aliada ao contexto social dos meninos. Através da análise de imagens em revistas e internet, a equipe procurou trazer a fotografia para a realidade em que eles estão inseridos.

Tomando por completo a introdução sobre o que trataria o projeto, partiu-se para a prática. Monitorados pelos acadêmicos de jornalismo, as oficinas eram pautadas pela captação de imagens. Durante o processo, houve a participação consciente e abrangente de toda a forma de interação com os meios fotográficos, destacando as infinitas possibilidades e oportunidades que estes oferecem.

A Rotina e os Objetivos do Projeto

A fotografia, como suporte de comunicação, aqui apresenta um caráter educativo, sendo utilizada como ferramenta de trabalho aliada ao conhecimento

histórico e técnico. Tal mudança relacionada à experiência direta e à sua aprendizagem tem grande parte de espontaneidade, eventualidades, erros e acertos (SIMEONES, 2004).

As oficinas realizadas as segundas e às quintas-feiras no período de março a junho de 2010, colaboraram no sentido proposto pelo projeto. A interação com os meninos deu-se de maneira constante. Com o crescimento do número de encontros a relação se fortalece. A convivência com a fotografia, antes pouco conhecida na prática por eles, despertou interesse e acima de tudo, bons resultados.

O objetivo principal do projeto foi produzir uma exposição fotográfica no final do primeiro semestre de 2010. Com a finalização da captação das imagens, a exposição teve o lançamento na Sala de Exposição do Conjunto III da UNIFRA durante o 8º Fórum de Comunicação Social, para divulgar o grupo e a comunidade. Com este trabalho buscou-se fortalecer o reconhecimento dos alunos na imprensa regional, ajudando a dar força ao projeto e aumentar a auto-estima dos alunos, além de estimular a inclusão social e intelectual dessas crianças como forma de incentivo e oportunidade para fugir da pobreza e miséria.

A ideia inicial, além de uma exposição de fotos, pautava-se na confecção de um livro com crônicas escritas pelos alunos. Nestas crônicas, suas próprias visões de mundo e da vida seriam relatadas. Além disso, estava previsto a realização de uma oficina de vídeo. Após vários ajustes, desde a apresentação do projeto para a banca de avaliação até as reuniões, decidiu-se focar nas oficinas de fotografia por acreditar que estas apresentariam melhores resultados. No princípio, o lar dispunha de câmeras fotográficas e uma câmera de vídeo. Mas com o tempo, a história mudou.

A partir do momento em que o material já não era mais disponível como prometido, a solução foi mais uma vez reunir-se com o grupo. A partir daí optou-se pela utilização de câmeras particulares e algumas do laboratório de fotografia e memória do curso de jornalismo da Unifra. A equipe de trabalho foi dividida em dois grupos para cobrir os dois dias de oficina. Nas aulas, além do ensino de técnicas práticas, também se realizavam conversas, reuniões, explicações e análises dos trabalhos desenvolvidos.

O objetivo da oficina de fotografia foi de contribuir para o desenvolvimento de uma identidade cidadã nas crianças e a integração no cotidiano através das diversas formas que a linguagem fotográfica proporciona.

A exposição intitulada “Imagens de Esperança” reuniu 30 fotografias, com tamanho 20x25, sendo realizada durante o Fórum de Comunicação Social do Centro Universitário Franciscano. Também foram enviados releases para a mídia santamariense como forma de divulgação do Lar, visando ajudar as crianças que participaram das oficinas e as demais que venham a demonstrar interesse pelo aprendizado que as oficinas oferecem. Também se buscou um maior reconhecimento da comunidade que poderá vir a ajudar no processo de inclusão social. Desta forma, a proposta de Cicília Peruzzo sobre comunicação comunitária veio a orientar:

“As pessoas, ao participarem de uma práxis cotidiana voltada para os interesses necessidades dos próprios grupos a que pertencem ou ao participarem de organizações e movimentos comprometidos com interesses sociais mais amplos acabam inseridas num processo de educação informal que contribui para a elaboração-reelaboração das culturas populares e a formação da cidadania.” (PERUZZO, 2002, p.1).

É por este motivo que foi proposto o uso de uma das ferramentas da comunicação para projetar nossos objetivos dentro do Recanto da Esperança. A produção de fotografias se deu a partir da compreensão histórica, os gêneros, a linguagem, a prática e a estrutura da fotografia jornalística e do fotojornalismo; estudar, praticar e analisar trabalhos fotográficos, mesclando assim teoria e prática.

Devido aos problemas enfrentados pelas crianças e jovens atendidos, desenvolvemos este trabalho porque tínhamos como norte mostrar outra realidade distinta a condição social por qual elas passaram. Assim, levando consciência e aprendizado, para que no futuro tornem-se adultos diferentes de seus pais e familiares que, na maioria das vezes, são os causadores dos transtornos e da estadia no Recanto. Esta realidade ainda desconhecida pelas crianças foi apresentada através de passeios, fotos e comunicação. Além disso, após as oficinas, a câmera fotográfica fará parte da rotina das crianças, pois, com os ensinamentos do grupo eles saberão manuseá-las ou até mesmo proporcionando uma opção na escolha de uma profissão. Foi ensinado nas aulas, a história dos equipamentos, a origem da arte de fotografar, os diferentes tipos de fotografia e trabalhos que podem ser realizados, sempre contextualizando com o cotidiano. Como propõe Rodrigo Gudin Paiva:

“A proposta busca estar adequada e adaptada ao contexto sócio-cultural e educacional em questão, respeitando as referenciais musicais trazidas pelos alunos, conectando-as às referências pessoais do professor. Uma proposta contextualizada torna-se interessante e ao mesmo tempo viável, enquanto sua aplicação mantém-se coerente com a realidade dos alunos”.(PAIVA, 2004, p. 4)

Desta forma os alunos adquirem conhecimentos dos equipamentos e podem se aperfeiçoar no que mais lhe chama atenção. A intenção foi se concentrar apenas na linguagem e regras e sim para que cada um compreende-se e desenvolve as características da composição e a ideia de criação. Passou também pela equipe o interesse em participar da formação pessoal de cada um dos meninos. Através de pequenas conquistas, conseguimos contornar problemas e superar os obstáculos impostos, sejam eles de caráter técnico ou humano. A utilização de apenas uma máquina fotográfica pareceu em um primeiro momento um problema. Porém, na prática percebeu-se que o problema poderia se tornar solução. Ao ter que dividir o equipamento, conseguimos explorar nos garotos a relação de divisão e compartilhamento.

Buscamos espaços nos cadernos culturais em Santa Maria, estes estão cada vez mais abastecidos de notícias das mais variadas atrações. Algumas delas, com função social são deixadas de lado, muitas vezes, por causa da falta de informação dos veículos de comunicação e/ou pelas deficiências de divulgação das companhias culturais. Por este motivo, buscou-se incluir este lar, e suas oficinas sociais, em um ambiente de ampla visão da sociedade. Trata-se aqui de buscar um maior reconhecimento da comunidade que poderá vir a ajudar no processo de inclusão social. Desta forma a proposta de Cícilia Peruzzo (2002, p.1) sobre comunicação comunitária veio a nos embazar:

“As pessoas, ao participarem de uma práxis cotidiana voltada para os interesses e as necessidades dos próprios grupos a que pertencem ou ao participarem de organizações e movimentos comprometidos com interesses sociais mais amplos acabam inseridas num processo de educação informal que contribui para a elaboração-reelaboração das culturas populares e a formação para a cidadania”. (PERUZZO, 2002, p. 1)

O Uso da Fotografia

O trabalho com fotografia foi desenvolvido com vistas a desenvolver uma técnica já conhecida. Como afirma Kubrusly (2003), as crianças atualmente, estão muito ligadas ao mundo das imagens, por crescerem em espaços onde o centro gira em torno de computadores e televisores. Para elas este mundo se torna íntimo e pertencente ao seu cotidiano. Com relação à técnica fotográfica, aprimorou-se a denominação dos enquadramentos, a composição das imagens e dos ângulos e os pontos de luz. Questões como exposição/abertura do diafragma, velocidade do obturador, profundidade de campo e distância focal não foram discutidos por limitações materiais. O equipamento usado era amador (câmeras de fotografia digital comum).

Em relação à escolha do digital dois motivos foram decisivos: Primeiro, a disponibilidade, visto que os integrantes do grupo de trabalho possuíam câmeras digitais compactas. E em um segundo momento a questão financeira. A fotografia digital, neste caso, pôde ser analisada instantaneamente, ou seja, conforme as captações eram realizadas, já podiam ser analisadas. Porém, na maioria das vezes, deparou-se com obstáculos em estabelecer uma ligação entre prática e teoria. Os meninos, em pleno comportamento pré-adolescente – tinham por vezes pouca paciência para analisar com profundidade suas fotos. Crianças inquietas pela situação social que vivem e também por estarem se adequando aos poucos a uma sociedade cada vez mais dinâmica.

Com o olhar ainda pouco acostumado observar detalhes, precisou-se criar uma novo forma de observar e ver ao redor de cada um. Meninos agitados e em alerta a cada movimento ao seu entrono. Possivelmente permaneçam atentos todas as vinte e quatro horas do dia, esperando quando a vida irá lhes apresentar mais uma dificuldade. As fotos “apressadas” tem um significado revelador da vida dos meninos do Recanto da esperança. Andrade (2002) faz um questionamento afirmativo com relação às marcas culturais que o fotografo deixa em cada foto. “Se a imagem fotográfica nasce da observação de uma realidade que está contida em uma estrutura cultural, ela vem carregada de significados, de fragmentos que deverão ser moldados em um relato único e revelador” (ANDRADE, 2002, p. 52).

Colocando em Prática Usos Sociais: da Comunicação Comunitária ao Conceito de Cidadania

A internet é revolucionária no que diz respeito à comunicação. O papel que ela desenvolve os reflexos de seus aprimoramentos e a sua relação com outras mídias e com a comunicação interpessoal são temas de discussões. Entretanto, é fato que a maior parte da população mundial continua não tendo acesso ao que se intitula como Era Digital. Em países de terceiro mundo ou em desenvolvimento, com o Brasil, essa falta de conectividade com a internet se torna mais acentuada.

Ancorado em um referencial que privilegia o conceito de mediação (MARTÍN-BARBEIRO, 2001), entende-se que os usos sociais da internet são definidos por um conjunto de entornos que interage na construção dos significados atribuídos às mídias, ajudando a estabelecer escolhas entre opções disponíveis.

As preferências de acesso são determinadas pela capacidade de produção de sentido de cada indivíduo, garantidas por meio de suas identificações e também suas relações com a história e tradições. Já, ligado aí ao conceito de cidadania, além dos direitos civis, políticos e sociais, se agregam noções cidadãs com base nas demandas culturais e identitárias, que tem por objetivo ensinar através do reconhecimento das diferenças. A isto, agrega-se a cidadania mundial, que equivalem a decisões que afetam os interesses e necessidades de cada indivíduo. Cecilia Peruzzo (2005) ressalta que a cidadania só evolui mediante pressão coletiva, pois nada, nem poder legislativo ou executivo, concedem avanços ou privilégios aos mais pobres. E para isto, surgem os movimentos sociais e as comunicações comunitárias.

Segundo Denise Cogo (2006), nos últimos tempos o termo comunitário tem sido a classificação mais utilizada e apropriada ao definir experiências e projetos que envolvem mídias locais e de bairro. Essas mídias são produzidas e geradas por comunidades ou movimentos sociais organizados em busca de cidadania. Já Cecilia Peruzzo define as mídias comunitárias em duas, uma visando lucros e outra com interesses no crescimento e desenvolvimento de comunidades.

Nestes conceitos, buscou-se a idéia de levar crescimento individual e comum ao Lar Recanto da Esperança. Fazendo com que neste projeto, o comunitário apresenta-se e também reconfigura-se o valor e sentido de cidadania. Valor este, que por muitos Lares, encontra-se perdido ou esquecido. Paiva explica o termo comunitário:

Comunitário é quem confere valor à identidade, à proveniência, portanto, à origem: a via que conduz às raízes como às tradições. Comunitário é quem

confere valor às relações sociais, religiosas, familiares e nacionais. Para o comunitário, a ligação não é a cadeia que o aprisiona e que limita sua liberdade, mas, ao contrário, o fio que o liga aos outros e o sustenta. Comunitário é quem reconhece o seu lugar originário, assumindo-o como sua pátria; para ele não é insignificante ou fortuita a sua origem ou seu destino e suas relações. (PAIVA, 2000, pg.1)

Ao conceito de comunitário, soma-se ao projeto a deixa de comunidade gerativa. Nos dias de hoje, até mesmo a escola e a família parecem ser voláteis, e no caso das crianças ligadas ao Lar, esta situação se mostra verdadeira. Preocupados em levar até elas serviços e oficinas proveitosas, para que tirem alguma lição, buscamos qualificações de conhecimento. Crescendo e expandindo visões para um crescimento comum. Ainda em Paiva:

Trata-se do conjunto de ações norteadas pela preocupação com o bem comum, especialmente no momento em que se detecta a falência dos projetos políticos voltados para as formas do Estado liberal clássico. Esta perspectiva vigora no ambiente do multiculturalismo e da globalização. (PAIVA, 2000, pg.1)

Juntamente ao seu conceito, a comunidade gerativa agrega ações executadas por grupos ou conjunto de cidadãos que buscam alternativas diferentes. Diferente das demandas políticas e governamentais, essa alternativa associa e acrescenta valores aos indivíduos da comunidade Lar Recanto da Esperança, que estavam, por algum motivo, esquecidos.

Considerações Finais

A partir da exposição, foi possível observar que o fotojornalismo, o qual tem como desafio documentar uma realidade, acaba por atribuir a essa realidade sentidos que ela própria desconhecia anteriormente. Os objetivos propostos puderam ser alcançados tanto no que diz respeito ao fortalecimento da identidade e da cidadania quanto na intenção de gerar uma mobilização social. Tanto a realização das oficinas quanto a construção da exposição passaram pela dedicação intensa e parceira entre acadêmicos, alunos e administração do Lar.

Esta ação é a base da comunicação comunitária. Como coloca Denise Cogo nos estudos sobre a comunicação produzida e gerada pelas comunidades organizadas. A

falta de espaços na grande mídia para os problemas enfrentados pelas comunidades é um dos fatores para a atual desmobilização social. Mas, os trabalhos comunitários vão na contra-mão desta realidade. A partir do momento que as comunidades se reconhecem nos meios de comunicação alternativos é inaugurada uma nova forma de interação, proporcionando o debate a reflexão sobre a realidade das comunidades que está nas telas ou nas rádios.

Para potencializar ainda mais a relação da comunidade com os meios de comunicação comunitários, a internet cumpre o papel de impulsionadora das demandas retratadas nas produções.

Para nós, acadêmicos, fica a lição de que tudo que é feito com seriedade, planejamento e persistência contagiam uma comunidade, uma família, ou mesmo um grupo de crianças e adolescentes. O papel da comunicação comunitária é não apenas informar, mas entender, principalmente, como funciona o grupo a ser noticiado e integrar-se aos que pertencem a ele, para cumprir a tarefa que cabe a comunicação comunitária: informar e formar a consciência coletiva da colaboração.

Referências bibliográfico :

ANDRADE, Rosane de. Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

COGO, Denise. Comunicação para a cidadania. Rio de Janeiro, RJ : Ed. da UERJ, 2006

HENRIQUES, Márcio Simeone (org). Comunicação e estratégias de mobilização social. Belo Horizonte : Gênese, 2005.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. O que é Fotografia. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LEVY, Pierre. “Pela Ciberdemocracia”, in: Denis de Moraes (org) Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro. Record, 2004.

BARBERO, Jesus Martín. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia; tradução Ronald Polito, Sérgio Alcides. Rio de Janeiro, RJ : Ed. da UFRJ, 2003.

PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. Comunicação e cultura das minorias. São Paulo : Paulus, 2005.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania, 2005.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Internet e Democracia Comunicacional: entre os entraves, utopias e o direito à comunicação. In MARQUES DE MELHO, J; SATHLER, L. **Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação**. São Bernardo do Campo, SP: Unesp, 2005.